

ESTUDO DE CASO**O sopro de Pã: escuta simbólica do pânico em Arteterapia – Um estudo de caso em estágio supervisionado****The Breath of Pan: Symbolic Listening to Panic in Art Therapy – A Case Report in Supervised Training****El soplo de Pan: escucha simbólica del pánico en Arteterapia – relato de caso en práctica supervisada**

Maricel da Silva Espina¹

Resumo: Este artigo apresenta uma experiência arteterapêutica realizada no contexto do estágio supervisionado em Arteterapia, durante o curso de pós-graduação da Faculdade Censupeg. O objetivo foi acolher, de modo simbólico e sensível, vivências relacionadas à crise de pânico, por meio da escuta das imagens que emergem nos processos expressivos, à luz da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung. A participante foi uma mulher de 48 anos, residente na região metropolitana de Porto Alegre (RS), que participou de sessões *online* durante a pandemia de COVID-19. Ao longo do processo, surgiram imagens carregadas de força, entre elas a presença simbólica da árvore — especialmente o pinheiro —, que remete ao mito da ninfa Pítis e à atuação de forças arquetípicas ligadas ao sopro súbito do colapso. Nesse campo simbólico, a figura de Pã, ainda que não representada diretamente, foi implicada como expressão da atmosfera emocional do pânico: força que desorganiza e, ao mesmo tempo, precipita a transformação. A Arteterapia, compreendida como linguagem da alma, mostrou-se um território fértil de escuta e reconexão, possibilitando enraizamento em meio ao caos.

Palavras-chave: Arteterapia; Psicologia Analítica; Pânico; Arquétipos; Pã; Mito de Pítis.

Abstract: This article presents an art therapy experience carried out in the context of supervised training during a postgraduate course at Faculdade Censupeg. The aim was to symbolically and sensitively welcome experiences related to panic attacks through the listening of images that emerge in expressive processes, in the light of Carl Gustav Jung's Analytical Psychology. The participant was a 48-year-old woman living in the metropolitan region of Porto Alegre (RS), who attended online sessions during the COVID-19 pandemic. Throughout the process, powerful images emerged, among them the symbolic presence of

¹ Psicóloga (CRP 07/16002), especialista em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pós-graduada em Arteterapia (Censupeg). Atua na perspectiva da Psicologia Analítica. Voluntária na ONG [Prematuridade.com](https://www.prematuridade.com), com atuação no núcleo de saúde mental e liga acadêmica. *Link do Lattes:* https://www.cnpq.br/cvlattesweb/PKG_MENU.menu?f_cod=BF15B038716F59E631E1447F533BC4C5. Filiação à Associação de Arteterapia no Brasil: UBAAT – 06/323/0824.

the tree — especially the pine — evoking the myth of the nymph Pitys and the action of archetypal forces linked to the sudden breath of collapse. In this symbolic field, the figure of Pan, although not directly represented, was implied as an expression of the emotional atmosphere of panic: a force that disorganizes and, at the same time, precipitates transformation. Art therapy, understood as the language of the soul, proved to be a fertile territory for listening and reconnection, enabling rooting amidst chaos.

Keywords: Art Therapy; Analytical Psychology; Panic; Archetypes; Pan; Myth of Pitys.

Resumen: Este artículo presenta una experiencia arteterapéutica realizada en el contexto de la práctica supervisada durante un curso de posgrado en la Facultad Censupeg. El objetivo fue acoger, de manera simbólica y sensible, vivencias relacionadas con la crisis de pánico, a través de la escucha de las imágenes que emergen en los procesos expresivos, a la luz de la Psicología Analítica de Carl Gustav Jung. La participante fue una mujer de 48 años, residente en la región metropolitana de Porto Alegre (RS), que asistió a sesiones en línea durante la pandemia de COVID-19. A lo largo del proceso surgieron imágenes cargadas de fuerza, entre ellas la presencia simbólica del árbol —especialmente el pino— que remite al mito de la ninfa Pitis y a la actuación de fuerzas arquetípicas vinculadas al soplo súbito del colapso. En este campo simbólico, la figura de Pan, aunque no representada directamente, fue implicada como expresión de la atmósfera emocional del pánico: una fuerza que desorganiza y, al mismo tiempo, precipita la transformación. La Arteterapia, comprendida como lenguaje del alma, se mostró como un territorio fértil de escucha y reconexión, posibilitando el enraizamiento en medio del caos.

Palabras clave: Arteterapia; Psicología Analítica; Pánico; Arquetipos; Pan; Mito de Pitis.

Introdução

O presente artigo apresenta um recorte do Estágio Curricular Supervisionado em Arteterapia, realizado no contexto do curso de pós-graduação da Faculdade Censupeg. A proposta consistiu em vivenciar os fundamentos da Arteterapia a partir do referencial da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung, com atenção voltada à escuta simbólica das imagens emergentes e ao acolhimento da expressão criativa como via de transformação psíquica.

A experiência aqui relatada teve como base um processo arteterapêutico acompanhado, em contexto de estágio, com uma mulher de 48 anos, residente na região metropolitana de Porto Alegre (RS), cujas sessões ocorreram de forma *online* durante o período da pandemia da COVID-19. Ao longo dos encontros, emergiram imagens espontâneas impregnadas de sentido, entre elas a presença simbólica da árvore — especialmente do pinheiro —, que evocou o mito da ninfa Pítis, transformada por Gaia ao

fugir do vento impetuoso de Bóreas (VERNANT, 1990; KERENYI, 1991). Ainda que a figura de Pã não esteja presente nesse mito específico, sua atmosfera simbólica foi constelada no processo como expressão arquetípica do pânico — força súbita, instintiva e desorganizadora, da qual deriva etimologicamente a própria palavra (JUNG, 2012).

Elementos como o pinheiro, a queda e o sopro revelaram-se centrais no processo arteterapêutico, apontando para uma dinâmica de colapso, seguida de reorganização e enraizamento. Assim, a Arteterapia revelou-se não apenas como recurso expressivo, mas como território fértil de escuta simbólica e de elaboração de forças inconscientes que, quando nomeadas e figuradas, podem transformar o susto em símbolo e o medo em expressão.

O pânico como colapso simbólico

Do ponto de vista clínico, o transtorno do pânico é caracterizado por episódios súbitos de medo intenso, sensação de perda de controle, angústia corporal e desorganização psíquica (APA, 2014; DALGALARRONDO, 2019). No entanto, ao ampliarmos o olhar com base na Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung, o pânico pode ser compreendido como um **colapso simbólico** — um rompimento do equilíbrio entre a consciência e os conteúdos do inconsciente, que se impõem de forma avassaladora e exigem reconhecimento (JUNG, 2012; 2014).

O pânico anuncia a emergência do indizível: imagens, afetos e fragmentos psíquicos que não encontram passagem pela linguagem verbal, mas invadem o corpo e a alma. Para Jung (2011a; 2011b), o sintoma não deve ser visto apenas como obstáculo a ser eliminado, mas como um mensageiro do inconsciente, que revela aquilo que foi silenciado e clama por transformação. Em sintonia, Hillman (1992) afirma que os sintomas devem ser escutados como imagens que carregam sentido, pois “o sintoma é a alma que fala na linguagem que lhe é possível”.

Assim, o pânico pode ser acolhido como um chamado à reconexão com o eixo interno e com dimensões do *Self* que aguardam escuta. Em vez de ser reduzido a uma ameaça clínica, o colapso simbólico pode ser compreendido como portal para transformação, abrindo a possibilidade de ressignificação psíquica por meio da expressão criativa em Arteterapia.

Arquétipos: estruturas vivas da psique

Na perspectiva da Psicologia Analítica, os arquétipos são compreendidos como formas universais e estruturantes do inconsciente coletivo. Eles não se manifestam diretamente, mas se revelam por meio de imagens, símbolos, mitos e experiências que

carregam significados atemporais e individuais. Estão presentes nas narrativas míticas, nos sonhos, nas obras de arte e nos gestos espontâneos que atravessam a vida psíquica.

Segundo Jung (2012, p. 50), “os arquétipos são formas ou imagens de natureza coletiva que aparecem praticamente em toda a Terra como constituintes de mitos e, ao mesmo tempo, como produtos individuais de origem inconsciente”. Essa formulação mostra que os arquétipos não são conteúdos fixos, mas forças organizadoras que se atualizam continuamente. Em outra passagem, o autor sublinha que “o arquétipo é uma tendência a formar representações de um motivo — representações que podem variar muito em detalhe sem perder sua configuração fundamental” (JUNG, 2012, p. 59).

Jacobi (1990) reforça essa ideia ao afirmar que os arquétipos, embora invisíveis e inaudíveis em si mesmos, se tornam perceptíveis quando constelados em símbolos e imagens que ganham forma no mundo psíquico. Assim, o arquétipo não deve ser confundido com o símbolo: o primeiro é a matriz estruturante, enquanto o segundo é sua expressão sensível.

Dessa forma, os arquétipos podem se manifestar com intensidade especialmente em momentos de crise, colapso ou transição. Quando acolhidos com escuta simbólica, oferecem caminhos de reintegração e sentido.

No contexto da Arteterapia, os arquétipos frequentemente emergem por meio das expressões criativas, sem a necessidade de serem nomeados conscientemente. Imagens como árvores, fios, casas, corações, animais ou elementos da natureza não são apenas formas: são símbolos, expressões vivas da alma, que apontam para o que, na psique, pede presença. Como afirma Jung (2012, p. 52), “os símbolos surgem espontaneamente sempre que os conteúdos inconscientes não podem ser diretamente apreendidos pela consciência”.

A escuta do arquétipo, nesse sentido, não busca interpretar de forma rígida, mas acompanhar os símbolos em sua potência transformadora. Na experiência em Arteterapia aqui apresentada, elementos como o pinheiro, os cabelos, os gravetos, os frutos, os penhacos e o vento evocam a presença de uma história arquetípica que transcende o individual e convida à reconstrução simbólica do feminino ferido. Esses símbolos não surgem isolados: carregam consigo a dinâmica das polaridades arquetípicas, entre forças do masculino e do feminino que se entrelaçam no campo psíquico.

Enquanto o feminino aparece como ninfa, corpo vulnerável e transformável, o masculino se manifesta como sopro, vento ou impulso que precipita a queda — uma energia que empurra ao limite e convoca à travessia. Essa tensão, longe de ser apenas oposição, instaura um movimento criador, capaz de abrir passagem para o novo. É nesse horizonte que o mito da ninfa Pítis, associada ao pinheiro, e a figura simbólica de Pã, ligada etimologicamente ao pânico, se tornam chaves de leitura para compreender a experiência aqui relatada.

A Arteterapia como linguagem da alma

A Arteterapia constitui-se como um campo terapêutico fértil para o acolhimento do indizível. Por meio do gesto criativo, da escolha dos materiais, das formas e das texturas, conteúdos inconscientes podem emergir e encontrar expressão sem a mediação exclusiva da palavra. A linguagem simbólica da arte permite que aquilo que está na sombra encontre passagem para a consciência (NAUMBURG, 1973).

Ancorada na Psicologia Analítica, a Arteterapia de orientação junguiana compreende a criação artística como via de escuta do *Self* — não como produto estético, mas como manifestação viva da psique em movimento. Para Jung (2011b), as imagens que emergem nos processos expressivos têm caráter autônomo e comunicam aspectos essenciais do inconsciente. As imagens criadas durante o processo não precisam ser explicadas ou compreendidas de imediato; sua simples presença já carrega potência de transformação. Como afirma Hillman (1992, p. 24), “a alma fala em imagens”, e é nesse terreno imaginal que a Arteterapia encontra sua força curativa.

Nesse contexto, o terapeuta assume uma postura de presença e disponibilidade, oferecendo um espaço seguro, ético e sensível para que o participante possa se expressar com liberdade e confiança. Os materiais artísticos funcionam como veículos de ampliação da consciência, permitindo que símbolos antes silenciados se revelem por meio da forma, da cor, do ritmo ou da composição (KRAMER, 1987; BONAFÉ, 2010).

Quando vivências como o pânico se tornam excessivas ou sem nome, a arte pode funcionar como um contorno simbólico para a alma em colapso. Mais do que interpretar, a Arteterapia escuta, acompanha, sustenta. Ao criar imagens que brotam do interior, o sujeito se reconecta com sua capacidade de significar e, aos poucos, reencontra um eixo interno a partir do qual pode habitar sua própria experiência com mais inteireza.

Metodologia e apresentação do estudo de caso

Este artigo é um recorte qualitativo e simbólico de uma experiência desenvolvida no contexto do Estágio Curricular Supervisionado em Arteterapia, realizado como parte da formação em nível de pós-graduação pela Faculdade Censupeg. A abordagem utilizada está ancorada na Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung e nos princípios da Arteterapia, com ênfase na escuta simbólica, na espontaneidade e na liberdade expressiva das imagens.

As sessões foram realizadas de forma *online*, utilizando a plataforma Whereby, devido às restrições impostas pela pandemia da COVID-19. A participante do estudo, aqui nomeada como L.C., é uma mulher de 48 anos, residente na região metropolitana de Porto Alegre (RS). Ao aceitar o convite para participar do processo, relatou como demanda

principal crises recorrentes de pânico, que impactavam de maneira significativa sua vida pessoal e emocional.

O percurso arteterapêutico foi desenvolvido ao longo de cinquenta encontros, nos quais foram propostas atividades diversas: colagens, pinturas, modelagens, trabalhos com elementos da natureza e fios. Cada sessão se iniciava com um momento de sensibilização e presença, favorecendo o contato com o corpo e com o “aqui e agora”.

As propostas eram apresentadas de modo aberto, convidando à expressão espontânea e simbólica, sem exigência estética ou direção interpretativa. O foco esteve na criação como forma de acesso ao inconsciente e de elaboração simbólica das vivências internas da participante.

A análise do processo partiu da escuta atenta, do diálogo e da amplificação simbólica, recursos que permitiram iluminar os conteúdos emergentes. As imagens criadas durante as sessões foram compreendidas não apenas como produções gráficas, mas como manifestações psíquicas de uma alma em travessia. A escolha, a manipulação e a organização dos materiais foram entendidas como expressões simbólicas que constelaram conteúdos arquetípicos.

Os registros escritos, os relatos verbais da participante e as imagens produzidas ao longo do processo formaram a base para a construção deste artigo. A presença de símbolos, da identificação com o mito de Pã e da expressão criativa foram elementos-chave para o olhar analítico aqui proposto.

Vale destacar que, além de possibilitar o acesso simbólico a conteúdos inconscientes, a Arteterapia também se configura como recurso de cuidado psíquico, especialmente diante de estados emocionais de intensa desorganização. Em contextos como o do transtorno do pânico, o fazer artístico se torna contorno e contenção, favorecendo a reorganização interna de forma não invasiva e respeitosa.

O vínculo estabelecido entre terapeuta e participante favoreceu o surgimento de imagens ricas e profundas, registradas ao longo das sessões. Em uma delas, L.C. produziu, em macramê, a forma de um pinheiro — criação simbólica que, mais adiante, revelaria sentidos essenciais sobre sua vivência do pânico. Essa imagem será apresentada e aprofundada nas seções seguintes.

Imagens simbólicas do processo: o pinheiro que se revela

Ao longo do processo arteterapêutico, duas sessões revelaram, com força e espontaneidade, o surgimento de símbolos que constelaram conteúdos arquetípicos ligados à árvore — especialmente ao pinheiro — e ao movimento simbólico do feminino ferido em busca de reconexão e abrigo.

Na primeira atividade, a proposta envolvia o uso da técnica de macramê, uma arte feita apenas com as mãos, por meio de nós sucessivos que compõem tramas e formas. A única ferramenta auxiliar foi uma agulha de crochê, utilizada de modo pontual para ajustes delicados.

Na Figura 1, L.C. iniciou sua produção com a intenção de criar uma cortina, afirmando: *“Eu faria uma cortina para cobrir os meus medos”*. Em seguida, emocionada, falou sobre o receio de perder o pai: *“Ele tem sentimentos bons... já minha mãe não”*.²

Essa criação inicial — a cortina que cobriria os medos — já apontava para a busca de um contorno protetor diante do colapso, como se o gesto de tecer pudesse oferecer abrigo. No macramê, a trama de nós se converteu em símbolo: cada amarração parecia dar forma a uma tentativa de segurar, de conter o que ameaçava escapar. Essa imagem abriu passagem para a aparição posterior do pinheiro, árvore que se tornaria eixo central da travessia simbólica de L.C.



Figura 1. Figura 1 – L.C. Fonte: Acervo pessoal

Em seguida, reinterpretou sua criação: *“É um cabelo”*. Chamou de peruca, penteou simbolicamente a peça e lembrou, com melancolia, a infância em que desejava ter cabelos compridos. Contou que ela e as irmãs usavam cortes curtos e roupas padronizadas: *“A gente usava a roupa igual, só mudava a cor”*. Acrescentou, em tom de dor: *“Nunca ouvi um elogio”*. O cuidado da mãe se dirigia à casa, mas não ao enfeite das filhas.

Quando convidada a observar sua obra de outro ângulo, surpreendeu-se: *“É uma árvore... um pinheiro!”*. Sorriu e acrescentou que adora pinheiros. Assim, na Figura 2, uma

² As falas entre aspas reproduzem, ao longo deste artigo, *ipsis litteris* as palavras da participante.

imagem que nascia como cabelo se revelou árvore — estrutura firme, símbolo do que permanece de pé, mesmo quando exposto ao vento.

Essa passagem, aparentemente simples, mostra a força da expressão criativa em Arteterapia: o mesmo objeto que evocava a ausência de cuidado materno e o vazio afetivo pôde se transformar em símbolo de sustentação e enraizamento. Do cabelo não cuidado ao pinheiro ereto, a obra apontava para uma travessia interna — do feminino ferido em direção a uma força vital capaz de resistir e se reconectar.



Figura 2. Figura 1 – L.C. Fonte: Acervo pessoal

Na sessão seguinte, L.C. procurou por elementos naturais — gravetos, pinhas, folhas, fragmentos de madeira — e, com eles, iniciou uma nova expressão criativa de caráter simbólico. Trabalhou em silêncio, sem orientação, conduzindo a composição a partir de um impulso interno. Com delicadeza e presença, organizou os materiais sobre a cartolina e colou cada elemento até compor a imagem de uma árvore.

Ao final, compartilhou com emoção uma memória da infância: o sonho de ter uma casa na árvore. Lembrou-se dos primos, dos amigos, da tia e da árvore chorão onde passavam horas. “*A gente brincava dentro da árvore*”, disse sorrindo. Relatou limpar cabanas, levar brinquedos, colher frutas, subir e descer dos galhos — um tempo de liberdade e imaginação vivido “nos matos”, como ela mesma descreveu.

No desenho, havia pedras no chão e pinhas espalhadas. Para compor a copa, L.C. colheu folhas de pinheiro e as decorou com partes do fruto em forma de estrela. A árvore estava carregada de pequenos símbolos, como se cada detalhe contasse uma história. As pedras, segundo ela, lembravam os penhascos.

Sem que houvesse sugestão, a participante evocou espontaneamente na Figura 3 o mito de Pítis — a ninfa amada por Pã e perseguida por Bóreas, o vento do norte. Soprada com violência, Pítis cai do precipício, e Gaia, em compaixão, a transforma em pinheiro. Pã, por sua vez, consagra a árvore à memória da amada, passando a carregar ramos de pinheiro como símbolo dessa união impossível.

A imagem construída por L.C. não se limitou a reproduzir elementos naturais: ela condensava lembranças pessoais, afetos esquecidos e forças arquetípicas que pediam expressão. A evocação da casa na árvore, associada à infância e à liberdade, contrapunha-se às pedras que lembravam penhascos — tensão simbólica entre o abrigo e o risco da queda.

Nesse movimento, o mito de Pítis emergiu como chave de leitura. A ninfa que cai do precipício pela violência de Bóreas e se transforma em pinheiro guarda, em si, a experiência do colapso e da metamorfose. O vento impiedoso do masculino não apenas derruba: ele precipita a travessia. O corpo vulnerável da ninfa é entregue à morte, mas a transformação em árvore lhe dá raízes, permanência e abrigo.

O pânico vivido pela participante pode ser lido nesse mesmo horizonte: como queda súbita, como ameaça de desintegração. Mas, ao recriar o pinheiro em sua expressão artística, L.C. não ficou apenas diante do desamparo, pôde também encontrar um símbolo de enraizamento. Do susto à imagem, da angústia ao gesto criativo, o colapso se converteu em possibilidade de sustentação.

Na cena mítica, o sopro masculino de Bóreas precipita a queda, revelando a vulnerabilidade do corpo feminino. No entanto, essa fragilidade não se encerra no desamparo: é justamente no gesto compassivo de Gaia que a ninfa encontra abrigo e metamorfose. O feminino primordial, simbolizado pela Terra, oferece sustentação onde antes havia apenas precipício.

Esse movimento ecoa na experiência de L.C. O pânico, como vento súbito que ameaça despedaçar, foi acompanhado, no espaço arteterapêutico, pela possibilidade de criar raízes. Ao transformar o cabelo em pinheiro, ao reunir folhas, pedras e frutos em torno da árvore, a participante atualizou o gesto mítico de reconexão com Gaia: a travessia do colapso ao enraizamento. Assim, a queda não foi o fim, mas a abertura para um outro modo de estar no mundo — mais enraizado, mais conectado com a natureza e com a própria história.



Figura 3. L.C. Fonte: Acervo pessoal

A imagem construída por L.C., rica em elementos naturais e afetivos, parece reunir o feminino que deseja cuidado, a força que resiste e a memória que anseia por integração. A árvore, símbolo recorrente em ambas as sessões, surge como imagem estruturante da alma — firme como o tronco, sensível como os fios e flexível como os galhos que dançam ao vento.

Dessa forma, a trajetória simbólica de L.C. revela como a Arteterapia, ao oferecer espaço para a emergência de imagens arquetípicas, pode transformar o colapso do pânico em possibilidade de enraizamento.

O campo simbólico de Pã e a metamorfose do feminino ferido

As imagens que emergiram nas sessões — o pinheiro tecido, a árvore construída com folhas, pinhas e gravetos, os cabelos, as pedras, a memória da infância — apontam para uma narrativa arquetípica mais profunda: o campo simbólico de Pã, cuja presença se anuncia pelo susto, pelo colapso e, paradoxalmente, pela criação simbólica.

Na Psicologia Analítica, os mitos são compreendidos como manifestações do inconsciente coletivo. Como lembra Vernant (1990), os deuses e mitos da Grécia não pertencem apenas ao passado: eles continuam a agir como imagens vivas que estruturam experiências humanas universais. O mito de Pã evoca aquele que habita os campos, entre bosques e cavernas, fora das estruturas da civilização. Sua natureza é selvagem, instintiva, capaz de encantar, mas também de perturbar. Seu sopro — o sopro do pânico — pode tanto assustar como anunciar o nascimento de algo novo.

É nesse horizonte que se inscreve a história de Pítis, a ninfa por quem Pã se apaixona e que, ao ser perseguida por Bóreas, o vento do norte, é lançada do penhasco. Em compaixão, Gaia a transforma em pinheiro. Pã, então, consagra a árvore à memória da amada, passando a portar seus ramos como símbolo dessa união impossível. Neumann (1994) lembra que tais narrativas revelam as tensões entre forças masculinas e femininas da psique, em que a queda ou o colapso pode abrir caminho para transformação e enraizamento.

Por meio da Arteterapia, essa imagem mítica se revelou à participante. Ao olhar para o pinheiro tecido com suas próprias mãos, L.C. acessou, ainda que inconscientemente, o campo imaginal de Pã. A árvore, que inicialmente surgiu como cortina — um véu para ocultar os medos —, depois se revelou como cabelo — expressão do desejo de ser cuidada e reconhecida. Por fim, ao ser vista de outro ângulo, tornou-se pinheiro: estrutura firme, símbolo da transformação que nasce do olhar sensível.

Na segunda sessão, L.C. reuniu folhas, pinhas e pedras e compôs, em silêncio, uma nova árvore. Desta vez, a natureza foi convocada como matéria viva do símbolo. A memória da infância — a árvore chorão, a casa sonhada entre galhos — retornou, e com ela, a dor de não ter sido cuidada: o vento de Bóreas que sopra sobre a alma infantil. Ao evocar, espontaneamente, o mito de Pítis, L.C. revelou uma escuta ancestral. Ao reconhecer-se no pinheiro e trazê-lo à cena, atualizou o gesto simbólico de Pã: diante da perda, dar forma ao que não pode ser retido, transformando ausência em presença.

Nesse sopro, o pânico se anuncia não apenas como colapso, mas como chamado à reintegração. O susto que antes desorganizava agora aponta para o símbolo capaz de sustentar. Como afirma Hillman (1992), é no trabalho com imagens que a alma encontra caminhos para se reorganizar — não pela eliminação do sintoma, mas pela sua escuta poética.

Considerações finais

O mito de Pã nos fala daquele que assusta e encanta. Seu sopro inesperado, ora terror, ora música, atravessa quem o encontra e revela a dimensão selvagem e instintiva da alma. No processo arteterapêutico aqui apresentado, esse sopro se manifestou na forma do pânico — experiência-limite que rompe com o eixo da consciência e exige novos modos de escuta.

Na travessia de L.C., o pânico não foi tratado como inimigo, mas como chamado simbólico. Entre fios, gravetos, folhas e silêncio, surgiram imagens que não pediram explicação, mas presença. A árvore — símbolo estruturante da alma — se fez corpo de memórias, afetos, medos e desejos. O pinheiro, tecido ou colado, não foi apenas matéria natural: foi símbolo vivo do que insiste em permanecer, mesmo quando tudo parece ruir.

A evocação espontânea do mito de Pítis, e com ela a presença de Pã, trouxe à cena o feminino ferido que deseja ser visto, acolhido e transformado em nova forma. Como lembra Jacobi (1990), os mitos não são apenas narrativas antigas, mas expressões vivas do inconsciente coletivo, que revelam dinâmicas psíquicas ainda atuantes. Nesse horizonte, o que se perde pode ser metamorfoseado. O que cai pode criar raízes. O que assusta pode tornar-se canção.

Segundo Neumann (1994), o feminino arquetípico guarda em si tanto a vulnerabilidade da ninfa quanto a potência regeneradora da Mãe Terra. Essa dinâmica se tornou visível na experiência de L.C., quando a queda associada ao pânico foi acompanhada pela possibilidade de reconexão com Gaia — a força materna da Terra que oferece abrigo e sustentação.

A queda de Pítis, precipitada pelo sopro súbito de Bóreas, pode ser compreendida como imagem do ataque de pânico: experiência avassaladora, incontável, que arremessa a psique para o abismo do desamparo. No entanto, assim como na mitologia, em que Gaia acolhe o corpo em queda e o transmuta em pinheiro, na experiência arteterapêutica o colapso encontrou possibilidade de metamorfose. O gesto criativo funcionou como solo de sustentação, permitindo que a participante transformasse o susto em símbolo e encontrasse um modo mais saudável de habitar a própria experiência. Dessa forma, o pânico não se encerra na queda, mas se abre à possibilidade de enraizamento — uma reorganização simbólica que devolve consistência à alma fragilizada.

A Arteterapia, nesse contexto, revelou-se um campo fértil para a escuta do indizível. Ao permitir que o símbolo emergisse sem forçar interpretações, favoreceu a reconexão com partes esquecidas da alma. Como lembra Hillman (1992, p. 24), “a alma fala em imagens”, ressaltando que é no terreno imaginal que a criação artística encontra sua potência curativa e transformadora.

O gesto criador possibilitou à participante não apenas se expressar, mas se reorientar: encontrar eixo, forma e abrigo. Para Jung (2011b), todo processo de cura exige que conteúdos inconscientes encontrem forma simbólica — condição essencial para que a transformação ocorra.

Pã, deus rejeitado pelas pompas do Olimpo, vive onde a alma estremece. E é justamente aí, no território em que razão e controle falham, que o símbolo pode nascer. O pânico, então, não é o fim. É o sopro. É o chamado para dançar com as sombras e, quem sabe, encontrar abrigo sob a árvore que se é.

Data de recebimento: 16.05.2025

Data primeiro aceite: 11.10.2025

Data segundo aceite: 14.10.2025

Referências bibliográficas

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BONAFÉ, Maíra. **A formação em Arteterapia no Brasil: contextualização e desafios**. 2010. Disponível em: <http://newpsi.bvs-psi.org.br/eventos/AnaisIII-ForumPaulistaArteterapia.pdf>. Acesso em: 18 set. 2025.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2019.

HILLMAN, James. **O pensamento do coração e a alma do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1992.

JACOBI, Jolande. **Complexo, arquétipo e símbolo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1990.

JUNG, C. G. **Símbolos da transformação**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2011a.

_____. **A natureza da psique**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011b.

_____. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. **G. Estudos alquímicos**. Petrópolis: Vozes, 2014.

KRAMER, Edith. **Arte como terapia com crianças**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

NAUMBURG, Margaret. **Arteterapia: a dinâmica da expressão criadora na saúde mental**. São Paulo: Summus, 1973.

NEUMANN, Erich. **A Grande Mãe: um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 1994.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e pensamento entre os gregos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.